



José
TOLENTINO
MENDONÇA

A MÍSTICA
DO INSTANTE

O tempo e a promessa

José
TOLENTINO
MENDONÇA

A MÍSTICA
DO INSTANTE

O tempo e a promessa



COLEÇÃO
POÉTICAS DO VIVER CRENTE
Série JTM

As obras de um autor de referência, empenhado em fazer dialogar a experiência cristã com os desafios de um mundo que se entreabre em modos sempre novos.

<i>Coordenação da coleção:</i>	José Tolentino Mendonça
<i>Capa</i>	Panóplia®
<i>Foto da capa</i>	Corbis/VMI
<i>Pré-impressão</i>	Paulinas Editora – Prior Velho
<i>Impressão e acabamentos</i>	Artipol – Artes Tipográficas, Lda. – Águeda
<i>ISBN</i>	978-989-673-396-4

© Setembro 2014, Inst. Miss. Filhas de São Paulo
Rua Francisco Salgado Zenha, 11
2685-332 Prior Velho
Tel. 219 405 640 – Fax 219 405 649
e-mail: editora@paulinas.pt
www.paulinas.pt

SEM VALOR COMERCIAL

«É místico aquele ou aquela
que não pode deixar de caminhar.»

MICHEL DE CERTEAU, *La fable mystique*

Em pleno coração comercial de Louisville, cidade do Estado americano do Kentucky, há uma placa a assinalar que ali, no ano de 1958, ocorreu a segunda conversão do monge trapista Thomas Merton. Nessa época, ele já era mundialmente conhecido como autor no domínio da espiritualidade. O volume que o tinha lançado, dez anos antes precisamente, havia sido a sua autobiografia, *A montanha dos sete patamares*, onde o paradigma da fuga ao mundo estava completamente presente. Andando agora por Louisville, abraçando a marcha frenética de uma multidão naquele epicentro comercial, Merton teve a intuição de

que afinal não existia diferença alguma ou separação entre ele e aquele povo desencontrado e sedento. Sentiu-se simplesmente membro da família humana, da qual o próprio Filho de Deus quis fazer parte. Nascia assim uma nova etapa da sua espiritualidade, crítica em relação à primeira. Thomas Merton percebia que a mística só pode ser uma experiência quotidiana, solidária e integrativa.



Ancorados na semente divina que não apenas transportam, mas que eles próprios são, mulheres e homens descobrem-se chamados a apropriar-se criativamente, e com todos os seus sentidos, do desabalado prodígio da vida. A vida é o imenso laboratório para a atenção, a sensibilidade e o espanto que nos permite reconhecer em cada instante, por mais precário e escasso que este seja, a reverberação de uma fantástica presença: os passos do próprio Deus. Precisamos de olhar de novo o corpo que somos e a nossa existência como profecia de um amor incondicional: «Deus amou de tal maneira o mundo, que lhe entregou o seu Filho Unigénito, a fim de que todo o que nele crê não se perca, mas tenha a vida eterna» (Jo 3,16), escreve o evangelista João. O corpo que somos

é uma gramática de Deus. É através dele que o aprendemos, e não mentalmente apenas. Merleau-Ponty recorda-nos, com razão, que ligamo-nos à nossa língua materna, antes mesmo da aprendizagem linguística, através do corpo: esses signos sonoros tiveram primeiro de habitar-nos, estiveram longamente mergulhados na noturna memória do corpo, inscreveram-se dentro do nosso sono, tatuaram-se na nossa pele. Com a língua de Deus não é de outra maneira. Maravilhosa imagem é essa que nos vem oferecida pelo salmo: «Quando os meus ossos estavam a ser formados,/ e eu, em segredo, me desenvolvia,/ tecido nas profundezas da terra,/ nada disso te era oculto.// Os teus olhos viram-me em embrião» (Sl 139,15-16). Esta imagem mostra-nos que o nosso corpo é ele mesmo língua materna. Língua materna de Deus. Por isso, a «mística dos sentidos ou do instante» que pasaremos a propor, por contraponto à «mística da alma», não poderá ser senão uma espiritualidade que encare os sentidos como caminho que conduz e porta que nos abre ao encontro de Deus. «Este mistério radical – escreve o teólogo Karl Rahner – é proximidade e não distância, amor que se dá a si mesmo e não juízo.»



«*Accende lumen sensibus*» («Ilumina os sentidos»), recitava uma antiga invocação litúrgica, não deixando dúvidas sobre o necessário envolvimento dos sentidos corporais na expressão crente. Os sentidos do nosso corpo abrem-nos à presença de Deus no instante do mundo. Em boa saúde, temos ao nosso dispor cinco sentidos (tato, paladar, olfato, visão e audição), mas a verdade é que não os aperfeiçoamos a todos devidamente, ou, pelo menos, não os temos desenvolvidos da mesma maneira.

Podemos receber e transmitir informações tão diversas pelos sentidos, porque dispomos de um cérebro que elabora e dirige. Mas falta-nos uma educação dos sentidos que nos ensine a cuidar deles, a cultivá-los, a apurá-los. «Não sei sentir, não sei ser humano», escrevia ainda Fernando Pessoa. E continuava: «Senti de mais para poder continuar a sentir.» Efetivamente, o excesso de estimulação sensorial em que estamos mergulhados tem um efeito contrário. Não amplia a nossa capacidade de sentir, mas contamina-a com uma irremediável atrofia. «Ah, se ao menos eu pudesse sentir!» – é a proposição do desespero contemporâneo, que advém depois de se ter experimentado

tudo, em vertigem e convulsão. Mas também a indiferença aos sentidos que o cinismo induzido a dada altura da vida promove, não deixa de ser um menor instrumento de aniquilação. «A pele não me ensinou nada», lamentava-se o poeta René Crevel em *O meu corpo e eu*. Este é um território onde a mística dos sentidos pode desempenhar um papel reconversor fulcral, porque nela, como explica Michel de Certeau, «o corpo é *informado*». A pele ensina.



Há um magnífico ensaio de Susan Sontag, intitulado *A estética do silêncio*, que começa com uma daquelas frases inesperadas, que nos fazem parar. Diz ela: «Cada época deve reinventar para si um projeto de espiritualidade.» Seguramente que este «reinventar para si» não significa descobrir *ex nihilo*. Trata-se antes de reler, de encontrar uma nova hermenêutica, de arriscar uma nova síntese, de propor, partindo do ato de crer, mas também do ato de viver, uma nova gramática sapiencial. Modelo não nos falta, como podemos verificar na carta a Tito, um dos tesouros do cânone cristão: «A graça de Deus, fonte de salvação, manifestou-se a todos os homens, ensinando-nos a viver neste mundo» (Tt 2,11-12). A mística do ins-

tante pede para tomarmos (mais) a sério a nossa humanidade como narrativa de Deus que «vive neste mundo».



O significado das coisas não é apenas o que elas têm em si, mas o que podemos descobrir que elas têm para nós. A maior parte das abordagens que hoje se publicam sobre a mística têm infelizmente apenas um carácter histórico, dissecam o passado, reforçam o nosso sentimento de distância e inatualidade em relação ao objeto que abordam. Ou optam por uma singularização tal da mística que parece só ser possível pensar nela através de casos individuais (a mística de Hadewijch, de Hildegarda de Bingen, de Teresa de Ávila, de João da Cruz) e nunca numa apropriação verdadeiramente comum. Por isso, se me fosse dado um instante, apenas um instante, para explicar o significado de mística, a frase de Michel de Certeau seria perfeita: «É místico aquele ou aquela que não pode deixar de caminhar.» [...] Ora, na frase «é místico aquele ou aquela que não pode deixar de caminhar», identifico à partida uma extraordinária qualidade: não exclui ninguém, testemunha como a mística diz respeito a todos, é literalmente universal. Isso é uma

vantagem enorme, pois não é essa, erradamente, a fama que a mística tem. Ela foi vista como uma experiência só de alguns, uma via marginal e elitista, desligada das situações concretas onde vive a maior parte dos homens, impermeabilizada às aflições do presente. Os escritos de figuras como Merton, Certeau ou Raimon Pannikar ajudaram-nos a revolucionar o nosso olhar.



De seguida, proponho um itinerário pelos sentidos no quadro possível de uma mística do instante. Recorro a um método deliberadamente fragmentário, que expressa, antes de mais, que a leitura nos coloca no interior de uma construção aberta e provisória, em certa medida aqui apenas esboçada, apenas sugerida. A mim pessoalmente interessam-me mais os enfoques, as cintilações na errância do motivo do que uma linearidade fechada que se substitui à pergunta e à procura. Prefiro um texto polimórfico, com muitas frechas, mais plástico e colaborativo do que fixado e hirto. «Em casa de meu Pai há muitas moradas», disse-nos Jesus (Jo 14,2).



Às vezes, quando não permitimos que nada nem ninguém nos toque, a nossa dificuldade é connosco mesmos. O problema de fundo é não nos conseguirmos amar, não gostamos de nós, da nossa cara, do nosso corpo, da nossa idade, da nossa cultura, do que temos ou não temos, do que sabemos ou não. Não gostamos, não amamos. E somos infelizes. E acontece-nos disfarçar essa lacuna num orgulho ou numa autossuficiência que apenas escondem (e escondem mal) a nossa fragilidade profunda. Aprender a amar-se a si mesmo, isto é tarefa para uma vida inteira. É uma coisa que nunca está acabada. Estamos sempre a descobrir o que significa.

Quando nos amamos a nós próprios, sabemos também amar os outros. Multiplicamo-nos em atenções e serviços, e nem sempre isso é amor. Damos até muitas coisas, mas não somos capazes de dar-nos. Não raro, o que julgamos ser amor é uma forma de poder sobre os outros, tê-los na mão, controlar, manipular, obter admiração. O verdadeiro amor é entregar o nosso amor aos outros sem estarmos preocupados com aquilo que os outros vão fazer dele.

Escrevia o Mestre Eckhart: «Se te amas a ti mes-

mo, amas todos os homens como a ti mesmo. Enquanto amares um homem que seja menos do que a ti mesmo, não te amaste verdadeiramente a ti mesmo.»



Sem lentidão não há paladar. Talvez precisemos, por isso, voltar a essa arte tão humana que é a lentidão. Os nossos estilos de vida parecem irremediavelmente contaminados por uma pressão que não dominamos; não há tempo a perder; queremos alcançar as metas o mais rapidamente que formos capazes; os processos desgastam-nos, as perguntas atrasam-nos, os sentimentos são um puro desperdício: dizem-nos que temos de valorizar resultados, apenas resultados. À conta disso, os ritmos de atividade tornam-se impiedosamente antinaturais. Cada projeto que nos propõem é sempre mais absorvente e tem a ambição de sobrepor-se a tudo. Os horários avançam impondo um recuo da esfera privada. Deveríamos, contudo, refletir melhor sobre o que perdemos, sobre o que vai ficando para trás, submerso ou em surdina, sobre o que deixamos de saber quando permitimos que a aceleração nos condicione deste modo. Com razão, num magnífico texto intitulado *A lentidão*, Milan Kundera escreve: «Quando as coisas acontecem depressa

demais, ninguém pode ter certeza de nada, de coisa nenhuma, nem de si mesmo.» E explica, em seguida, que o grau de lentidão é diretamente proporcional à intensidade da memória, enquanto o grau de velocidade é diretamente proporcional à intensidade do esquecimento. A pressa dá-nos, assim, uma impressão de si que é fictícia. Ao contrário do que parece, o seu aliado é o esquecimento, não a memória. Tudo passou no mesmo galope com que entrou.



O perfume é uma expressão de consolação, onde a vida se celebra. É uma outra forma de júbilo. É um louvor sem palavras, uma melodia intensíssima que ouvimos na transparência, sem recorrer à audição. Sim, o perfume é essa música ao mesmo tempo calada e extraordinariamente vibrante. A Bíblia oferece-nos inesquecíveis exemplos. Um deles surge-nos sob a forma de bênção de um pai para com o filho: «Então seu pai Isaac disse-lhe: “Aproxima-te, meu filho, e dá-me um beijo.” Jacob aproximou-se e beijou o pai. Quando sentiu o cheiro das suas roupas, Isaac abençoou-o, dizendo: “Ah, o cheiro de meu filho é como o cheiro de um campo que o Senhor abençoou”» (Gn 27,26-27).

Outro exemplo, igualmente impressionante, é o elogio da comunhão fraterna que comparece na antologia dos Salmos: «Vede como é bom e agradável/ que os irmãos vivam unidos!/ É como óleo perfumado derramado sobre a cabeça,/ a escorrer pela barba, a barba de Aarão,/ a escorrer até à orla das suas vestes» (Sl 133,1-2). A imagem acompanha o grácil movimento do perfume, primeiro esparso sobre a cabeça, e que depois escorre pela barba até a fímbria última do vestido. Da cabeça aos pés! O óleo perfumado assinala assim que a comunhão dos irmãos torna o corpo inteiro e a vida inteira absolutamente preciosos.

Um último caso, de entre outros que poderiam ser escolhidos, é o do livro dos Provérbios, que canta o bom odor da amizade: «O perfume e o incenso alegrem o coração,/ os conselhos de um amigo deleitam a alma» (Pr 27,9). A amizade dos nossos amigos perfuma o nosso caminho, nessa busca acompanhada da verdade, da beleza e do bem.



Por mais programas, projetos e sonhos que alimentemos, tudo passa pelo ordálio do tempo, tudo tem de ser purificado como o ouro, tudo é e será transformado. Tem é de haver um eixo firme. Esse

ponto é a escuta do Evangelho. A opção por seguir Jesus não nos torna poupados ao sofrimento: dá-nos é a capacidade de o viver na confiança. E tal provém do enraizamento na escuta. É isso que a obediência, como atitude evangélica, significa. Em latim, o termo *ab-audire* quer dizer «dar ouvidos», «ouvir bem», «permanecer em escuta». No maravilhoso hino da carta aos Filipenses, São Paulo escreve sobre Jesus: «Ele rebaixou-se a si mesmo, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz» (Fl 2,8). Esta obediência que se torna dom de si, oferta radical da própria vida, brota desse estado amoroso de relação que é a escuta. O segredo de um homem não é tanto o que ele diz, quanto o que ele escuta. Diz Jesus aos seus discípulos: «Já não vos chamo servos, visto que um servo não está ao corrente do que faz o seu senhor; mas a vós chamei-vos amigos, porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi ao meu Pai» (Jo 15,15).



O texto de Génesis centra no olhar e nos seus embaraços a explicação simbólica da transgressão do primeiro casal humano (cf. Gn 3,1-13). A promessa que a serpente faz à mulher é que os seus olhos se abrirão e ela ficará a ver com a amplitude do próprio

Deus. Esta ficção de uma visão ilimitada, e nesse sentido também de uma visão inumana, captura a mulher. É interessante compararmos o posicionamento da mulher com o de Deus. Deus detém-se a contemplar, simplesmente: «E Deus viu que isto era bom» (Gn 1,10). Deus olhava para cada uma das obras da criação a partir do seu bem. As coisas eram consideradas no seu fundamento, não porque tinham uma finalidade. Ora, a mulher passa a olhar para a maçã porque ela é atraente e agradável à vista para comer: «Vendo a mulher que o fruto da árvore deveria ser bom para comer, pois era de atraente aspeto e precioso para esclarecer a inteligência, agarrou o fruto, comeu-o, deu dele também a seu marido» (Gn 3,6). E este é o grande engano da visão: deixamos de olhar a criação em si, e aplicamos-lhes finalidades das quais nós próprios somos o centro. E nem nos damos conta até que ponto a pretensão de nos constituirmos como medida de todas as coisas nos bloqueia o olhar.

Para uma espiritualidade do tempo presente

Há mais espiritualidade no corpo
O corpo é a língua materna de Deus
Combater a atrofia dos sentidos
Um projeto de espiritualidade
Uma mística de olhos abertos
O sacramento do instante

Para uma teologia dos sentidos

Pórtico
Tocar o que nos escapa
Buscar o infinito sabor
Colher o perfume do instante
Escutar a melodia do presente
Olhar a porta entreaberta do instante

Bibliografia

O QUE ESTÁ DITO PERMANECE AINDA POR DIZER

Os sentidos do nosso corpo
abrem-nos à presença de Deus
no instante do mundo.
Eles são grandes entradas e saídas da
nossa humanidade
e da nossa fé.

